

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA DURANTE O SÉCULO XIX (*).

O século XIX se inicia na América Latina com a Revolução da Independência latino-americana, que do ponto de vista ideológico correlaciona-se com as revoluções inglesa do século XVII, americana do XVIII, e diretamente com a Revolução Francesa de 1789. Por motivos óbvios tem um parentesco direto com o movimento conhecido na história espanhola com o nome de *guerra da independência* de 1808-1814.

Neste movimento, que por essa mesma característica não é social nem é diretamente ligado com o movimento trabalhista-proletário-socialista, podem atribuir-se causas que mostram a importância do fator social. Num recente congresso afirmava-se que as causas fundamentais da Revolução Latino-Americana de 1810, seriam: o enciclopedismo, o antagonismo entre crioulos e espanhóis, os erros da política espanhola, a agitação revolucionária da Inglaterra e da França, o individualismo hispânico, e a atitude dos povos indígenas (1).

Deveria acrescentar-se no meu entender, a ação das massas de escravos negros, dos artesãos urbanos e dos grupos proletários livres, do tipo dos *gauchos* no Rio da Prata e dos *llaneros* no norte da América do Sul, e a ascensão social dos mestiços e mulatos. É interessante observar as classes que intervêm na Revolução. O escritor colombiano José Sámper, falando de seu país, particularmente interessante pela sua complexidade e diversidade, dizia já há um século que

“El alzamiento, la revolución, tuvo su apoyo por punto general en las clases o fracciones siguientes: los hombres de letras, el bajo clero, procedente en su casi totalidad del suelo hispano, en sua mayor parte familias

(*) . — Tradução do texto espanhol pela Lic. Sônia Aparecida Siqueira (*Nota da Redação*).

(1) . — Este congresso teve lugar em Madri, em outubro de 1949. Vejam-se os anais correspondentes.

Já nos tempos de Cromwell, exprimiam-se Gage: “Si una nación cualquiera, en el momento en que sus fuerzas arribaran a las colonias españolas proclamara la libertad de mulatos, negros e indios, todos ellos, en cambio de esa libertad se unirían a ella contra los españoles”.

pobres y plebeyas, los jóvenes militares, que en muy pequeño número habían logrado figurar en las escuelas militares de España y regimientos de ingenieros. Los artesanos de las ciudades, de origen colombiano o criollo, y los pequeños propietarios. Los negros esclavos, incapaces de comprender la revolución y oprimidos por su condición servil, sirvieron simultaneamente a las dos causas según la opinión de sus amos, por los recursos de acción de los jefes militares enemigos. En cuanto a los indios, mulatos y otros mestizos, es evidente que por regla general los primeros fueron en su mayor parte instrumentos de la reacción en las regiones montañosas: que los mulatos y zambos libres formaron en las filas de la evolución en su mayor número, y que los mestizos de indio y español fueron de los más terribles combatientes de los dos bandos, sirviendo estas turbas semi-bárbaras de elemento de acción a cada partido, según la ley general de su radicación" (2).

Em resumo, digamos que as classes proletárias livres apoiaram a Revolução. Isto é particularmente certo a propósito dos artesãos das cidades e dos proletários livres do campo. Se passamos às formas pelas quais se desencadeia a revolução, veremos que elas têm manifestações estritamente liberais nas quais o elemento revolucionário enfrentará, inclusive, às classes proletárias, pois substituiu-se o poder espanhol pelas oligarquias locais destes novos países. E' o caso, por exemplo, do Brasil com o Império, do Chile de Portales e do Império mexicano de Iturbide.

Aqui a revolução é meramente liberal, e a importância que pode ter para nosso assunto é contraditória, porque as massas proletárias chegam inclusive a entrar em conflito com a Revolução hispano-americana. Há dois casos bem típicos; o de Cuba em 1812, em que diante da possibilidade de uma rebelião dos escravos negros sob o mando de Aponte, os escravocratas plantadores preferiram continuar fiéis à corôa espanhola, antes de tentar a independência com um problema social interior, e em 1844 o caso do Iucatan que renuncia a sua independência, quando se dá a grande sublevação dos índios maias, que põe em perigo o domínio dos grandes proprietários da península.

Mais importante e característica, é a fórmula demo-liberal, que encontramos, por exemplo, nas atuações dos líderes mexicanos Hidalgo y Morelos, e em Moreno, Artigas e Bolivar que reclamam si-

(2). — *Ensayo sobre las revoluciones políticas y la condición social de las repúblicas colombianas*, Bogotá, Centro, 1861, pgs. 156-157.

Assim mesmo, há um caso em que, institucionalmente, um novo país procura intervir em favor da independência latino-americana e da liberdade dos escravos e é o do Haiti, (1795 em Coro, 1799 em Maracaibo, 1812 em Cuba com Aparte, e colaborando com Bolivar em 1815).

multâneamente a liberdade diante do absolutismo dos Bourbons espanhóis, e a abolição da escravatura do trabalho forçado dos índios e medidas de caráter democrático que permitiam a intervenção sem discriminação de raças e preconceitos na hierarquia política e no acesso aos cargos públicos. E' curioso observar como a contra-revolução, até falando em termos de dinâmica revolucionária, chega a utilizar as tensões sociais. Na Venezuela, Morillo consegue arregimentar a seu favor mulatos e mestiços contra os exércitos bolivarianos prometendo-lhes a liberdade que, embora constasse das constituições provindas do gênio de Bolívar, na realidade não a haviam aceito os ricos crioulos plantadores que o acompanhavam. No México o govêrno vice-real representante do absolutismo de Fernando VII, promete também a abolição do trabalho forçado dos índios para conseguir adesões diante das novas idéias encarnadas pelos crioulos esclarecidos.

Finalmente, se verificarmos a Revolução através de seu resultado social, notamos uma grande distância entre as declarações e os fatos. As declarações de Bolívar contra a escravidão em 1811, em 1819 e em 1823 são categóricas e definitivas. José de San Martín determina com a independência do Perú, a abolição do trabalho forçado dos índios em 1821 e Simão Bolívar, em 1826 na Bolívia, categóricamente procura alcançar também a abolição do trabalho forçado dos índios; mas entre estas declarações, ou entre o pensamento de autores como Mariano Moreno, tradutor do *Contrato Social* de Rousseau, e a realidade social há uma distância imensa.

A escravidão abolida desde 1811 na Venezuela, e desde 1813 nas Províncias Unidas do Rio da Prata e que o Congresso do Panamá de 1826 aceitaria para tôda a América independente, na realidade se imporia mais tarde. Na Argentina, recentemente em 1831, no Uruguai em 1842, no Paraguai em 1844, no México, em 1829, e nos países tropicais, isto é, naqueles onde realmente havia um problema de escravidão negra só muito mais tarde: como na Colômbia, em 1851, no Equador no ano seguinte, no Perú, em 1854 e na Venezuela, recentemente em 1858. Isto significa que decorreram 40 e tantos anos entre os postulados da abolição e a sua efetiva realização.

O resultado mais importante da Revolução do ponto de vista social é a destruição em grandes regiões do novo continente da velha sociedade colonial, o que permitiu o fim das castas coloniais, e do dispositivo jurídico que significava a estagnação dessa sociedade na época colonial, e na realidade, a ascensão dos mulatos e mestiços, especialmente através do poder militar, integrando o ge-

neralato dos exércitos e introduzindo-se na camada dominante dos proprietários rurais.

Quando em 1824, após a batalha de Aiacucho, inicia-se o período das guerras civis, até 1852, com a batalha de Caseros, determinada em parte pelas características geográficas, pela forma especial pela qual se processou o povoamento da América, pela intervenção imperial dos países dominadores do mundo, e pela mesma incapacidade dos dirigentes da burguesia latino-americana para unificar toda a América Latina, acabam por diferenciar-se três grandes blocos que abrangem os atuais estados.

Consideramos em primeiro lugar, pela sua importância, o que se convencionou chamar *Indo-América*, embora talvez fosse mais exato chamá-la *América mestiça*. São aqueles países onde a base econômica humana é a massa dos índios que subsistem às antigas comunidades pré-colombianas, como a Bolívia, o Perú, o Paraguai, o Equador, o México, toda a América Central, com exceção de Costa Rica e Panamá e alguns núcleos em outros países. Neles, durante o século XIX, a situação social repousa sobre o trabalho forçado dos índios que, com o nome de Mita e Yanacona existiu no tempo da colônia, contra o qual se insurgiram no século XVIII no Perú, os índios comandados por Tupac Amaruc, na

“revolución social más grande de la historia ibero-americana” (3),

e com uma situação de caráter político de tal instabilidade que explica a repetição constante das “revoluções”. Justo Sierra, o grande historiador mexicano, dizia que

“realmente en México había habido solamente dos revoluciones: la revolución de la independencia, y la revolución de la reforma”.

Escrevia êle em fins do século XIX, porque no século XX poderia ter acrescentado a Revolução Mexicana de 1910. O México, no entanto, é o país por excelência das “revoluções”, dos motins, das tropas, quer de origem rural que recebem no México um nome que define todo o processo e sua característica aos olhos da população proletária: “la bola”, quer seja a consonância espontânea que, na desordem própria do episódio guerreiro, dá a todos uma oportunidade de mudar sua situação social (4).

(3). — B. Levin *Tupac Amaruc*, Buenos Aires, Claridad, 1943, pg. 131.

(4). — As mais importantes leis para abolir a propriedade comum indígena foram dadas no Perú em 1824 e 1828; na Bolívia em 1825 e no México em 1856. Além disso o Estado a serviço dos latifundiários, favorece e facilita o *trucksystem* e os contratos forçados de trabalho, como o provam as leis paraguaias de 1871 e 1885 e a situação reinante no Perú até 1921.

Entre os grandes fatos da Indo-América no século XIX, está o restabelecimento do trabalho forçado dos índios. As medidas tomadas por Bolívar para a Bolívia em 1826, duram somente três anos, porque em 1829 Santa Cruz restabelece o trabalho forçado. Quanto ao caso da abolição do trabalho forçado no Perú por San Martín em 1821, já em 1825 se aplica de novo e com exceção do período que vai de 1854 a 1866, durante todo o século XIX se mantém não somente em virtude do Estado, do clero, como dos proprietários particulares, que podem arregimentar pela força trabalhadores para seus latifúndios. Outro dos aspectos da Indo-América é a abolição da propriedade comunitária, que havia sobrevivido à época colonial. Tratam sistematicamente de abolí-la os governos do Perú, Bolívia e México, incluindo forçadamente as comunidades indígenas no sistema da propriedade privada, tal como é definida no código napoleônico. Decisivamente, quebrar a base econômica que permite às comunidades indígenas sobreviver no mundo capitalista que nem compreendem, nem estão em condições de aproveitar.

Diante destas tentativas de abolição, devemos registrar as rebeliões, que são expressas no caso do México, contra as leis Lerdo, que conseguem, em 1858, a supressão das medidas tendentes à abolição da propriedade comunitária. Em segundo lugar, devemos citar a resistência dos índios iquis no México, a partir de 1873. Com frequência, e é fácil explicá-lo, esta violência proletária índia e mestiça, se exerce não em defesa de seus interesses e numa direção progressiva, senão em favor das classes dominantes como é o caso, na América Central, da ditadura iniciada em 1839 na Guatemala, que arruína a Confederação da América Central.

Uma segunda região, sempre neste quadro geral que esboçamos da América Latina, seria a *América negra*, que poderíamos chamar de *América mulata*, isto é, a zona da antiga escravidão negra: a costa do Brasil, ao norte do Rio de Janeiro, os países do Caribe, Panamá, e toda a costa da América do Sul que dá acesso ao Caribe. Nestes países subsiste também, mais do que no resto da América, o sistema colonial. No entanto é hoje nesta zona em que estão as últimas colônias européias e países não independentes (5). A passagem da escravatura ao assalariado se faz muito tardiamente. As datas das abolições da escravidão nesta zona, exceção das que já vimos para a Venezuela e a Colômbia, são categóricas. O Brasil, que é o primeiro e o mais importante destes países, recentemente,

(5). — Nesta data quatro potências coloniais (Inglaterra, França, Holanda e Estados Unidos) retém 9 possessões com 611.223 quilômetros quadrados, habitados por 9.602.000 habitantes.

em 1888, aboliu a escravidão. A Inglaterra já o havia feito em 1834, a França em 1848, a Holanda em 1865, os Estados Unidos na mesma data, e a Espanha, apesar da existência de várias medidas parciais, termina sua abolição recentemente em 1889 (6). Isto significa que termina quase no século XX o sistema de escravidão dentro da *América mulata*.

Também no Brasil, talvez pela existência de grandes tensões, registram-se alguns dos mais notáveis episódios dos movimentos proletários. Em primeiro lugar, as rebeliões típicas dos escravos negros. As mais estudadas são as de escravos maometanos da Bahia, que realizam nada menos de dez movimentos revolucionários em apenas 38 anos, contra as autoridades brasileiras, seus patrões ou mesmo contra os escravos não maometanos. Há também os movimentos de *jacquerie*, que são quase permanentes entre 1832 e 1848, nos estados de Alagoas, Pernambuco, Pará, Bahia, Maranhão e Piauí, sob os nomes de *cabanada*, *vinagrada*, *sabinada*, *balaiada* ou *revolução praieira*.

Estes movimentos com uma base estritamente campesina, procuram permanentemente, de um modo cego, com freqüência brutal, mas em que a presença proletária é dominante, terminar com um sistema de exploração que mantém no Brasil, a vida social colonial de castas. O Brasil que no século XIX é realmente apaixonante pelo conjunto dos problemas que suscita, tem também rebeliões mais modernas, com um conteúdo de mais factível compreensão para o meio europeu, como por exemplo a conjuração dos *alfaiates*, quer dizer, dos artesãos, na Bahia, em fins do século XVIII — começos do XIX — influenciada pela Revolução Francesa; a revolução pernambucana de 1817 que foi comentada por Stendhal, e o movimento dos *farrapos*, isto é, dos esfarrapados, no Rio Grande do Sul em 1835, no qual intervirá, entre outros, Giuseppe Garibaldi.

No Brasil, o problema se resolve ao entrar em crise a velha estrutura colonial, pela aparição na região meridional de uma nova zona, que é a dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estes três estados vão formar conjuntamente com o Uruguai, Argentina, Chile, e em certo grau, Costa Rica e São Domingos, a terceira das regiões que me interessa estudar.

Caracteriza-se porque a mão-de-obra, a base proletária, não é índia, porque os índios foram exterminados (no Uruguai em 1832) ou foram postos na reserva, da maneira que nos Estados Unidos, como sucede no Chile a partir da guerra araucana de 1861 onde.

(6). — Ver Victor Alba, *Le mouvement ouvrier en Amérique Latine*, Paris, Ed. Ouvrières, 1953, pg. 72. Nossa opinião sobre seu ponto de vista na revista *Movimento Operário* de Milano, n.º 3, ano VI, maio-junho, pg. 507.

estão confinados à zona de Temuco, e, de outro lado, por não haver negros, escravos nem libertos, a mão-de-obra é proporcionada pela emigração européia espontânea, especialmente a latina. Serão italianos, espanhóis, franceses, e em menor proporção alemães, os que proverão a mão-de-obra necessária e integrarão o proletariado e as novas classes médias das cidades destes países. Buenos Aires, Montevideu, São Paulo, Santiago do Chile, são cidades nas quais, em fins do século XIX há uma verdadeira aluvião de proletários europeus que submergem a antiga população e mudam totalmente a fisionomia social. O caso do Uruguai é categórico. O Uruguai tem, no ano de 1851, 60.000 habitantes, e recebe desde 1861 até o fim do século, um milhão de emigrantes europeus, quer dizer, o país se refaz totalmente com esta massa aluvional européia.

Aqui sim, é possível encontrar os primeiros elementos do socialismo. Até agora falamos exclusivamente de movimentos proletários, de movimentos reivindicadores, de ascensão das massas, etc., mas deliberadamente não empregamos a palavra *Socialismo*. Nessas cidades é que aparecerão os primeiros precursores do socialismo. Esteban Echevarría, o fundador da *Asociación de Mayo* de Buenos Aires; Francisco Bilbao, o criador da *Sociedad de la Igualdad* em Santiago do Chile; e os europeus vindos dos círculos fourieristas ou saintsimonianos, como Eugene Tandonnet, que por 1849 publica em Montevideu uma revista fourierista que tem certa ressonância nos círculos platenses, ou revolucionários europeus do tipo de Giuseppe Garibaldi, que intervém na revolução dos *farrapos* do Rio Grande do Sul, passa depois ao Uruguai, intervém na guerra grande dos países do Prata, e é acompanhado por uma falange de italianos vindos do círculo de idéias do *Risorgimento* italiano. Estes precursores obtém frutos minguados porque não mantém contacto com as massas proletárias (7).

O movimento proletário organizado se inicia na metade do século; as primeiras sociedades trabalhistas são chilenas, em 1847. No princípio são sociedades de socorros mútuos, entidades artesanais, e finalmente sociedades de ofícios. Os tipógrafos, carpinteiros, sapateiros destas cidades começam muito lentamente a organizar-se a partir desta data, não somente nestes países, como também nas possessões espanholas do Caribe, Pôrto-Rico, Cuba e México. Entre as décadas de 50 e 60 ocorem as primeiras greves

(7). — Excluimos deliberadamente o movimento de colônias utópicas, que à imitação de *New Harmony* de 1829 se expandem pelo Chile, Brasil, Paraguai, etc., sem no entanto procurar influir sobre o meio latino-americano. Veja-se nosso livro *Las ideas socialistas en el siglo XIX*, Montevideu, Medina, 1949, 2a. ed.

importantes e manifestam-se de modo tímido mas crescente as aspirações da classe proletária cidadina organizada.

Uma terceira etapa cumpre-se, finalmente, com a Associação Internacional dos Trabalhadores, que é também um acontecimento para a história social da América Latina. Aquela entidade, que em Londres se fundara sob o espírito de Mazzini, cujo estatuto redigira Carlos Marx, e onde atuara ativamente Miguel Bakunin, vai ter sua ressonância na América Latina. Haverá secções da Internacional nas colônias francesas como Martinica e Guadalupe, como também em Montevidéu, México e Buenos Aires, e, em menos proporção, e sem organização permanente, em Havana. No caso do México temos que destacar a atuação do proudhoniano greco-francês Platino Rodakanaty, sapateiro e literato, que constituiu o *Gran Círculo de Obreros de México* e quando êste toma uma orientação reformista, funda com os elementos mais revolucionários, *La Social*, em 1871, e finalmente, o *partido comunista mexicano*, em 1878, considerado aqui no sentido anárquico-comunista, em oposição ao socialista de filiação marxista.

A secção de Buenos Aires é de 1872 e a Federação Montevideana, de 1875 (8). Estas entidades são formadas pela elite dos trabalhadores, e a característica que indica a formação desse proletariado são as secções por países. Em Buenos Aires se funda primeiro a secção francesa, quer dizer, o grupo dos trabalhadores de língua francesa de Buenos Aires, que comunga das idéias da Associação Internacional dos Trabalhadores. Logo se lhe agrega o *Fascio dei Lavoratori de Buenos Aires*, que acabará filiando-se ao Partido Socialista Italiano, na impossibilidade de fazê-lo a qualquer organização local a fim com suas idéias, e finalmente a secção espanhola da Associação Internacional dos Trabalhadores, primeira de língua espanhola de Buenos Aires. Cada um desses grupos age independentemente e se relaciona mais com seu país de origem — França, Itália e Espanha — do que entre si ou com os países e cidades vizinhas.

As sociedades trabalhadoras da época têm publicações até em francês, italiano e alemão. A *Gran Sociedad de Carpinteros y Anexos de Buenos Aires*, publica, durante 20 anos um periódico trilingüe em italiano, francês e espanhol. No próprio nome destas sociedades se registra essa característica internacional, heterogênea, que tem êste novo proletariado embrionário da América Latina. E' muito fácil encontrarem-se sociedades cosmopolitas, sociedades internacionais, sindicatos universais, ou corporações mundiais. Es-

(8). — Ver nosso artigo *Los internacionales del 75* na revista *Nuestro Tiempo*, Montevidéu, n.º 2, 1955.

tas denominações marcam agudamente o caráter complexo do proletariado nestas cidades. Quanto à ideologia e tática, predominam as idéias que na Europa são enunciadas por Proudhon, Blanqui e Bakunin. O significado da viagem de Bakunin em 1864 à Itália, e de Fanelli em 1868 à Espanha, sente-se 10 anos mais tarde igualdade na América Latina (9). Nestas sociedades predomina a ideologia anarquista na forma primitiva, anterior ao aparecimento de Kropotkin. A correspondência, por exemplo, entre os internacionais do México e de Montevidéu, é muito sugestiva quanto ao domínio dos bakuninistas.

Na prática, estas sociedades, do mesmo modo que os sindicatos espanhóis, onde predominam também os anarquistas, se organizam como *sociedades de resistência*, e se coordenam em federações regionais de uma *associação mundial* que não sobreviverá à federação regional.

Na década de 80 nestas cidades se organizam os mais importantes grêmios e se dão as primeiras greves gerais. A tendência a confederar num plano amplo êstes movimentos encontra-se no México no Congresso de 76, o primeiro congresso nacional dos trabalhadores mexicanos, quando se cria a *Gran Confederación de los Trabajadores Mexicanos* de 1880. Há movimentos similares no Uruguai, Argentina, Perú e Cuba. Do mesmo modo que na Espanha, e em grau menor na Itália, uma floração de *ateneus*, *centros de estudos sociais*, *escolas racionalistas ou modernas*, e uma imprensa múltipla, expontânea e perecível que difunde o ideal libertador e abrange intelectuais dêstes dois países. Existe todo um estilo dentro dos países de que estamos falando, em que a literatura é influenciada pelas idéias anarquistas originárias dêstes círculos. Finalmente, criam-se entidades permanentes e definitivas às quais corresponderá a orientação do movimento trabalhista latino-americano durante muitos anos, como são a *Federación Obrera Regional Argentina*, F.O.R.A., 1881; a *Federación Cubana del Trabajo*, a *Federación Obrera Regional Uruguaya*, F.O.R.U., 1905; a *Casa del Obrero Mundial de México* em 1912 e a *Federación Obrera Internacional de Bolivia*. Se é certo dizermos por simplificação que êstes movimentos são anarquistas ou anárquico-sindicalistas, há certas variedades específicas e originais, por exemplo o que no Rio da Prata se conhece com o nome de *Forismo*, nome derivado das iniciais F.O.R.A. ou F.O.R.U., e que consiste na concepção da federação trabalhista como um partido anarquista.

(9). — E' fundamental particularmente a contribuição italiana a que dediquei o trabalho *La stampa periodica italiana nell'America Latina*, Milano, separata de *Movimento Operaio*, n.º 5, ano VII, 1955.

Isto quer dizer que de todos os membros dos sindicatos se reclama a adesão aos princípios anarquistas (10). Além disso temos que registrar em princípios do século XX a influência do sindicalismo revolucionário, do tipo da *Confederation General du Travail* do congresso de Amiens ou nos Estados Unidos dos *International World of Work*, os I.W.W. Surgem entidades como a filial chilena dos I.W.W., que ainda existe, se bem que em estado fósil, a *Confederación General de Trabajadores de México*, esta, mezclada ao anárquico-sindicalismo, e finalmente a *Unión General de Trabajadores de Argentina* que desempenhará o mesmo papel da F.O.R.A. e dos trabalhadores organizados pelos social-democratas.

Quanto à social democrata e às correntes orientadas pelo marxismo, do mesmo modo que na Espanha, sua importância no século XIX é menor; atinge a um setor menos combativo e tem manifestações posteriores no tempo às que vimos citando. Na Argentina e México o embrião do movimento social-democrata são os clubes trabalhistas de língua alemã, como o social-democrata de Buenos Aires, importantíssimo centro que desenvolve uma atividade extraordinária há 20 anos como promotor do movimento social-democrata na América do Sul. O Partido Socialista Argentino constituiu-se em 1910, e são estes dois, os únicos partidos socialistas que aderem à Segunda Internacional (11). Também deve-se destacar o Partido Democrático chileno, fundado antes, em 1887, como partido artesanal, com vagas aspirações de caráter social e do qual se separa, sob a direção de Luís Emílio Recabarren, o Partido Socialista chileno, no ano de 1912. No Brasil, funda-se também, um partido socialista em 1912, e no México há outro partido fundado em 1914, que tem escassa duração e mínima ressonância.

Tanto o movimento anárquico-sindicalista como o movimento social-democrata de inspiração marxista não chegam sequer a organizar-se de maneira permanente e efetiva em seus países, nem a confederar-se neste século XIX em agrupamentos de caráter continental. Teremos que esperar até 1928-1930 para ter as primeiras federações de caráter continental. De todas as maneiras, consignemos os triunfos do Partido Socialista Argentino, que con-

(10). — Veja-se nosso artigo *La fundación de la F.O.R.U.* na revista *Nuestro Tiempo* de Montevideu, n.º 5, e o trabalho *Battle y el movimiento obrero en el Uruguay*, Montevideu, *Nuestro Tiempo*, 1956.

(11). — Nosso trabalho *El manifiesto inicial del Partido Socialista Uruguayo* revista *Nuestro Tiempo*, Montevideu, n.º 3, 1955, pode dar uma idéia do processo de organização destes partidos, assim como, do desenvolvimento do Partido Socialista Argentino, a insubstituível obra de Jacinto Oddone, *Historia del socialismo argentino*, Buenos Aires, *La Vanguardia*, 1934, 2 vols.

quista seu primeiro deputado em 1904, em 1913 obtém a maioria dos votos na capital federal e atinge um considerável apogeu na primeira metade do século XX.

Para terminar, devo referir-me à Revolução Mexicana. Ao México cabe a singularidade de uma espécie de conjuração, que se vai revelar explosiva na ideologia socialista, e de outro lado, um quadro social de tensões típico da Indo-América. Além disso, no México mais do que em outros países, êsse proletariado mestiço e índio oferece a antecipação de uma consciência de classe, e sente, apesar de vagamente, sua força. Nestas rebeliões que citamos no século XIX e em sua intervenção nas imprópriamente chamadas *revoluções*, afirma sua personalidade e cria um estilo próprio que frutifica na grande Revolução Mexicana de 1910, certamente o movimento proletário mais importante da América Latina nos últimos 100 anos. Em 1869 irrompem os primeiros movimentos agrários que reclamam a reforma agrária diante do crescimento do latifúndio, a expropriação crescente das comunidades indígenas. São necessidades de terras, típicas de uma comunidade campesina, têm em meu entender, certa semelhança com os movimentos similares dos países europeus, do tipo da Rússia e da Espanha.

Do ponto de vista ideológico, o esforço mais alentado de infiltração ideológica não é realizado pelo chamado Partido Liberal Mexicano, que nem é partido nem é liberal, porque é constituído de anarquistas orientados pelos irmãos Flores Magón e sua intenção não é precisamente intervir nas eleições, apesar de se opor à reeleição contínua do ditador Porfírio Díaz, senão o reclamar conforme a velha divisa espanhola, *terra e liberdade*. Realizam uma série de sublevações e de revoltas armadas, em 1900, 1903, 1905, 1906 e 1909.

Em 1910 ocorre a sublevação que dá início à Revolução Mexicana. E apesar de ficar fora de meu campo, digamos que entre 1915 e 1917 o México obtém as reformas sociais e as leis mais avançadas que houve na América e produziu figuras do porte de Emiliano Zapata, autêntico condutor das massas populares.

Dando um balanço em tudo isto, será possível fazer um resumo? E' difícil, pela própria diversidade do quadro. Parece possível assinalar uma constante ascensão das massas, num sentido progressista. Há uma tendência que pode ser cega, e às vezes errônea, mas sempre constante, no sentido da liberdade das massas populares e de sua melhor condição de vida.

Em alguns países significa uma melhoria inclusive do *standard* vital das massas, e finalmente nos países da chamada América

branca, a presença dos movimentos socialistas trabalhistas contribuiu eficazmente para estabelecer ou permitir a existência da democracia política. O movimento social e trabalhista é uma das garantias em países como o Chile e o Uruguai, da existência das liberdades democráticas que fazem dêles comunidades modernas. Para terminar, diria que êste é um processo aberto. Naturalmente tôda a história é um processo aberto, e tôda a cadeia histórica tem um elo que temos nas mãos. Mas no caso da América Latina êste elo, digamos, nos queima as mãos, porque os fatos que atualmente se registram em países como a Bolívia, o México, o Brasil, indicam que um processo revolucionário está em curso, e poder-se-ia mostrar como as grandes linhas continuam, em termos gerais, os traços do processo que acabo de esboçar (12).

*

* * *

ANEXOS

A). — *Apresentação da comunicação ao Congresso Internacional de Roma [1955] (13).*

Je crois que les propos de la Commition Internationale des Mouvements Sociaux, quand elle a suggeré au C.I.E.S.H. de faire une place dans son programme à l'histoire des mouvements sociaux dans l'Amérique Latine, c'était pour donner au public savant européen un tableau général de la question. Vous comprenez qu'il c'est très difficile de faire en quelques minutes et dans une petite communication un tableau général de la situation de l'histoire sociale pendant un siècle dans 20 pays avec 130 millions de personnes et avec des graves problèmes qu'ils connaissent.

De plus, en l'Amérique Latine, au point de vue des études académiques n'est pas encore mûre pour ces études. La plupart des historiens de l'Amérique Latine s'occupent presque seulement de l'histoire politique, des faits politiques, ou bien de la biographie de l'Etat dans chacun de ces pays (21). Il n'y a pas un courant aussi important qu'en France ou en Italie d'historiens sociaux intéressés

(12). — Um projeto da bibliografia global da questão em meu livro *Chronologie et bibliographie des mouvements ouvriers et socialistes. L'Amérique Latine*, Paris, Les Éditions Ouvrières, 1956.

Citemos especialmente os investigadores da história social colonial como Hanke, Konetzke, Helps, Viñas y Mey, Ots Cadequi, Levin, etc., entre os estrangeiros, e Sacco, Nina Rodrigues, Zabala, Valcárcel, etc., entre os latino-americanos. Os sociólogos como Ingenieros, Venturino, Cornejo, Freyre, Ramos, López de Mesa, e historiadores do socialismo como Oddone, Valadés, Nettlau, Diego Abad de Santillán, etc. Também é importante a contribuição dos professores de legislação trabalhista como Poblete Troncoso, De la Cueva, Wlaker Linares, Vianna, Unsain, etc.

(13). — A comunicação foi apresentada em espanhol e o texto anexo é sua versão taquigráfica, sumariamente corrigida; mas a discussão e apresentação foram feitas em francês, sendo as linhas que se seguem seu resumo. Veja-se *Congresso de Roma de Ciências Históricas*, Montevideu, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1956, pg. 17.

à ce genre de problèmes. C'esta pourquoi je m'excuse de vous donner seulement les grandes lignes, de mettre en relief seulement quelques idées personnelles sur la question et je suis à votre disposition pour la discussion supplémentaire, pour tous les éclaircissements que vous croirez nécessaires a ce sujet.

B). — *Discussão da comunicação.*

L'exposé de M. Demarco (*Itália*) m'a suggéré une idée, à laquelle je n'avais pas pensé; je ferai donc des recherches pour voir s'il y a vraiment une influence du mouvement économiste comme vous le pensez.

Je dois remercier aussi le Prof. Ermolaev (*Rússia*) et le Prof. Arnaiz y Freg (*México*) pour les remarques qu'ils ont faites. Veux souligner aussi un point intéressant dans l'exposé de M. Ermolaev que je n'avais pas eu le temps d'exposer moi-même. C'est vrai, par exemple, qu'il y a tout un problème de la terre, de la propriété foncière. Je pense, par exemple, à la formation de la propriété foncière dans la moitié du XI^{ème}. siècle en Amérique Latine. Quelques dates sont intéressantes pour fixer ces processus: 1847 l'introduction du fil de fer barbelé dans les *estancias* argentines; 1872 la publication du grand poème du Jesús Hernández *Martin Fierro*. Dans le premier c'est la fin des gauchos, c'est-à-dire de l'homme libre de la pampa; dans le deuxième, c'est déjà les poèmes mélancoliques qui chantent la douceur de vivre librement des anciens gauchos.

Pourquoi n'y a-t-il pas beaucoup de propriétaires? Pour le fracas d'Artigas qu'a proposé de diviser la terre entre les Indiens, les métis et les pauvres de la campagne et de la réforme de Rivadavia connue sous le nom d'Enfiteusis.

Ce qu'ont dit M. Arnaiz et M. Ermolaev sur les problèmes de l'Eglise est très intéressant. Mais je dois vous assurer que mon pays n'en connaît pas. Ce qui régit les rapports entre l'Eglise et le gouvernement, équivaut au régime existant en France. Mais MM. Arnaiz et Ermolaev ont dit, à juste titre que l'Eglise a joué dans l'histoire du Mexique, un rôle fort important. Car l'Eglise représente le soutien des riches, des grands propriétaires. Je pense à l'Empire mexicain où l'intervention française et espagnole c'est faite avec l'appui de l'Eglise contre le peuple mexicain et les progressistes. Mais j'estime que c'est un problème qui n'est pas général à toute l'Amérique.

Tout se que je comptais dire a M. Ermolaev à propos de la Révolution mexicaine, M. Arnaiz l'a déjà dit. Très justement il a remarqué que la Révolution mexicaine est un processus ouvert. Je suis d'accord avec M. Ermolaev en ce que la Révolution mexicaine n'a pas réussi. Mais aucune révolution ne réussit pour donner tout ce qu'elle a promis si non une faible partie.

Il y a une point sur lequel je ne suis pas d'accord avec M. Ermolaev. Je crois qu'il se trompe à propos des révolutions brésiliens. J'estime que ce ne sont pas des mouvements de blancs, mais au contraire, de mulâtres, ce sont des mouvements de la campagne. L'un des premiers comme celui des "quebra quilos", c'est-à-dire des "casse-kilos", est un mouvement dirigé contre le système métrique décimal. Ce n'est pas pour une question scientifique, bien entendu,

mais pour briser symboliquement la mesure de la propriété, la mesure de l'esclavage au fond. Tous ces mouvements, sont des mouvements de mulâtres et de noirs. Aussi je ne suis pas d'accord avec M. Ermolaev sur l'origine de l'anarchisme en Amérique. Ses idées ont donc été transportées d'Europe en Amérique avec les émigrants catalans et italiens, avec la même population prolétarienne qui c'est rendue dans les nouvelles villes d'Amérique. Il y a bien sûr des conditions de milieu, je suis de votre avis, mais ce sont les mêmes qu'en Espagne. Toute fois nous n'avons pas le temps d'en parler plus.

CARLOS M. RAMA

da Universidade de Montevideu.